

Sobre um romance  
de Tariq Ali.  
Espelhos Quebrados:  
a experiência  
revolucionária em  
face da crise do  
modelo soviético

FRANCISCO FOOT HARDMAN\* E MICHAEL LÖWY\*\*

Em julho de 1937, um dos principais agentes dos serviços secretos soviéticos na Europa ocidental, “Ludwik” – pseudônimo de Ignace Reiss, judeu polonês, militante do Partido Comunista da Polônia desde 1919 –, decide romper publicamente com o poder stalinista. Encorajado pelos Processos de Moscou, ele envia uma carta de desli-

gamento ao comitê central do Partido Comunista da URSS, em que anuncia também sua adesão à IV Internacional de Leon Trotsky. Na conclusão desse documento que acabou por se configurar, pelas circunstâncias históricas e seu conteúdo, como bastante raro, Ludwik escreveu: “Em 1928, me foi conferida a Ordem da Bandeira Vermelha, por ser-

\* Professor do Instituto de Estudo da Linguagem da Unicamp.

\*\* Pesquisador junto ao Centre National de Recherches Scientifiques (CNRS), França.

viços prestados à Revolução proletária. Estou anexando a condecoração. Seria um ultraje à minha dignidade usar uma Ordem que também é ostentada pelos carrascos de alguns dos melhores elementos da classe operária na Rússia. Há dias, o *Izvestia* publicou os nomes dos que receberam recentemente a condecoração. Não foi dada nenhuma informação sobre os seus feitos: são os homens que executaram as sentenças de morte dos velhos bolcheviques”<sup>1</sup>.

Este episódio trágico e real constituiu-se em um dos principais panos de fundo históricos de um livro bastante singular no conjunto da obra de Tariq Ali. Trata-se de *Medo de espelhos*<sup>2</sup>, romance ao mesmo tempo político, histórico e, por que não dizer?, policial de suspense. A trama, neste caso, com todos os ingredientes de uma anunciada epopéia que redundará em desfecho trágico, tem por cenário privilegiado a Alemanha, como epicentro da história revolucionária e contra-revolucionária do século XX, essa Era dos Extremos assim tão bem alcinhada por Hobsbawm, desde a Revolução abortada de 1918-19, que nos legaria mártires como Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, até o processo que se seguiu, em todo o Leste europeu, à meteórica queda do muro

de Berlim, em 1989. O autor põe em cena, com erudição notável sobre a história do marxismo e do socialismo no Novecentos, ao mesmo tempo com ternura e ironia, personagens que tentaram, com todas as forças da inteligência e do coração, buscar caminhos sempre vinculados aos destinos da humanidade, entre os rumores e fúrias da luta revolucionária. Se se pode acompanhar, no livro, aos debates e muitas vezes guerras entre stalinismo, trotskismo e social-democracia, isso não ocorre em torno de doutrinas ou discursos abstratos, mas sob a forma de diálogos e contrapontos vivos entre personagens de carne e osso.

O protagonista do romance é um comunista dissidente da Alemanha Oriental, professor de literatura comparada na Universidade Humboldt, Vladimir Meyer – Vlady para os amigos – que narra a seu filho Karl, jovem social-democrata pragmático e eufórico com as benesses capitalistas da Alemanha reunificada, ao modo de uma longa correspondência-memória, a crônica dramática de sua família. Invertendo os termos emissor-destinatário de *Carta a meu pai*, este primeiro libelo anti-autoritário de Kafka, é como se lêssemos, nessa narrativa de Ali, uma

<sup>1</sup> Tariq Ali, *Medo dos espelhos*, Rio de Janeiro, Record, 2000, pp. 277-78. Uma biografia impressionante de Ignace Reiss, *Les nôtres*, escrita por sua companheira Elisabeth Poretski, foi publicada em 1971, em Paris, por Maurice Nadeau, na editora *Lettres Nouvelles*.

<sup>2</sup> Publicado originalmente em Londres, em 1998, pela editora Arcadia, sob o título *Fear of mirrors*, foi traduzido no Brasil em 2000, op. cit., e na França, em 2001 (*La peur des miroirs*, Paris, Syllèpse).

comovente *Carta a meu filho*, funcionando ao mesmo tempo como testamento político e tentativa algo desesperada de superação do abismo geracional que, nesse caso, representa também o abismo histórico interposto tão aceleradamente entre companheiros de viagem, amigos, parentes ou pessoas que viveram e morreram em meio ao turbilhão de vitórias e fracassos da revolução socialista.

Tal estruturação nem sempre tem boa eficácia como prosa literária. Muitas vezes o relato epistolar de Vlady não flui como recurso romanesco, transparecendo mais sua condição documental de balanço dos impasses do movimento comunista na trajetória de três gerações de revolucionários. E o volume de informações históricas mobilizado excede a capacidade de sua absorção na trama vivida pelos personagens, no tempo presente da narrativa<sup>3</sup>. Além do filho Karl, destinatário eleito do memorial de Vlady, o romance apresenta-nos seu amigo Sao, ex-guerrilheiro vietcongue e atual empresário bem relacionado junto a burocratas e mafiosos em Moscou, que lhe recupera documentos confidenciais importantes, simbolizando, de

modo irônico, os novos ventos da globalização financeira internacional sobre o antigo “segundo mundo”; a ex-mulher Helge, como ele também membro dissidente do Partido Comunista da RDA; a amante Evelyne, sua ex-aluna, jovem anárquica com quem vive paixão violenta; o amigo dissidente Gerhard, que, não suportando o *status quo* pós-muro de Berlim, chega ao suicídio; e a mãe Gertrude, alto quadro dirigente do regime comunista alemão-oriental e, certamente, o elo mais importante nessa sua arriscada viagem pela memória. À exceção, talvez, dessa última, todos os demais personagens surgem de forma algo caricaturesca, já que não há tempo hábil, na narrativa, para uma mais bem cuidada construção de enredo no tempo presente, e o passado parece pesar de modo terrível (e talvez o bloco dessas lembranças seja mesmo insuportável) para que os contemporâneos logrem incorporá-lo a seu cotidiano atual, advindo daí uma sensação de “pobreza de experiência”, de que Walter Benjamin já nos alertara, a propósito da Primeira Guerra Mundial.

Mas, se a vida presente parece pobre de perspectivas políticas ou exis-

<sup>3</sup> Problema já apontado pelo menos por um dos resenhistas do livro, Phil Shannon, no artigo “Saving socialism from its Stalinist ‘friends’”, publicado em 1999 no site australiano: <http://www.greenleft.org.au/back/1999/350/350p.20/htm>. A propósito de Vlady, Shannon comenta: “Vladimir dispõe dos melhores argumentos, embora estes impressionem mais como declarações de Ali, o autor marxista, do que como uma manifestação convincente da interação de personagens.” (*art. cit.*, tradução nossa). Ele traça, adiante, contraponto interessante entre as linguagens literárias do bolchevique libertário Victor Serge e de Tariq Ali. Os dois possuíam muitas afinidades eletivas no plano ideológico e da paixão revolucionária, mas seus estilos são muito distintos.

tenciais, a corrente avassaladora da memória produz um texto de alta densidade histórico-política, dramático em seu jogo de esperanças e desilusões, solidário na homenagem a todos os militantes da revolução mundial, afetivo em seu poder evocador de causas perdidas, ironicamente amargo diante do quadro contemporâneo de refluxo dos movimentos socialistas, em particular no cenário do continente europeu.

Será afinal da mãe Gertrude que Vlady obterá a revelação maior de sua identidade: que ele é filho de Ludwik, o agente soviético que, depois de romper publicamente com o stalinismo, seria assassinado pela GPU, a polícia política surgida com a URSS, em 1922, e que derivou sua sigla da designação “Administração Política do Estado”. Essa chave da trama virá à tona aos poucos, à medida que a narrativa avança. Nesse processo, Vlady também descobre a verdadeira história de Gertrude, suas relações ambivalentes e trágicas com Ludwik e com o movimento comunista internacional. É um dos momentos mais tocantes do romance, que precipita seu protagonista no mais completo desatino. A relação entre passado e presente, memória e esquecimento, ilusão e melancolia constitui a trama de toda a narrativa e a substância dos conflitos entre os indivíduos.

No tempo narrado de sua própria vida passada e presente, ficamos sabendo que Vlady foi autor de *Manifesto por uma nova Alemanha*, panfleto que circulou clandestinamente na RDA, no

contexto do movimento anti-stalinista surgido nos anos 1950 e que levaria, mais tarde, à organização de um Comitê pela Alemanha Democrática, de oposição, vigiado de perto pela Stasi, a polícia política do governo alemão-oriental. Comunista democrático coerente, ele, Helge e alguns amigos dissidentes assistem, com sentimentos divididos, ao colapso da RDA e à reunificação da Alemanha sob a égide da ordem capitalista. Logo depois, o professor Vladimir Meyer será, como muitos de seus colegas, expulso da universidade por negar-se a abjurar de suas convicções socialistas.

Em contraste, e de modo trágico, a história que lhe conta seu pai deixa o jovem Karl alheio, indiferente. Seu olhar sobre o passado da RDA é frio, “clínico” e desprovido de qualquer paixão. Jovem executivo, admitido como pesquisador pela Fundação social-democrata Friedrich Ebert, em Bonn, após a reunificação, ele aposta em uma carreira política promissora dentro da máquina do SPD. São tempos de “pragmatismo realista”. Nenhuma transmissão de experiência, no sentido forte do termo, ocorre. Se a voz narrativa memorável das lutas revolucionárias na Europa e, em particular, na Alemanha, tanto na primeira pessoa de Vlady quanto na terceira pessoa (ambas manifestações mais ou menos claras do ideário do autor Tariq Ali), não é capaz de empolgar os personagens da geração mais jovem do romance (além da distância de Karl, Evelyne revela sempre certo desprezo impiedoso pelo ideário comunista de

seu amante), é de supor que os leitores de esquerda ou simpáticos à história das revoluções socialistas possam identificar-se com o caráter épico desse mosaico vertiginoso que cobre boa parte da história mundial no século XX e, com certeza, alguns de seus momentos mais decisivos.

### Obra literária e obra política

Tariq Ali, o autor de *Medo dos espelhos*, é um brilhante intelectual socialista nascido em 1943 na região de Lahore, província do império britânico na Índia e futuro Paquistão. Líder estudantil nos levantes contra a ditadura militar naquele país, nos anos 1960, exilou-se permanentemente na Grã Bretanha, completando sua formação acadêmica em Oxford. Em Londres, foi militante ativo dos movimentos antinucleares e uma das principais lideranças das lutas de jovens rebeldes em 1968-70. Hoje em dia é ensaísta, autor de biografias, obras de história e política internacional, escritor de prosa de ficção, peças teatrais e roteiros para cinema e um dos principais editores do periódico *New Left Review*. No Brasil, há muito a esquerda militante e socialista tem tido contato com sua obra e pensamento, seja pelas várias traduções de livros seus, seja pelas entrevistas e artigos jornalísticos de combate que publica em diversos jornais e revistas, inclusive da grande impren-

sa e na Internet, seja pelas muitas visitas ao nosso país, com participações destacadas, por exemplo, nas reuniões do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre.

Como romancista, além da obra focalizada aqui, escreveu uma trilogia sobre as tradições culturais dos povos árabes, a presença do islamismo e as contradições desse mundo amplo e multifacetado com a modernidade ocidental capitalista: *Sombras da romãzeira*; *O livro de Saladino*; e *Mulher de Pedra*<sup>4</sup>. Mais recentemente, depois do 11 de setembro, Tariq Ali intensificou como nunca sua atividade de escrita militante, atuando como crítico incondicional das intervenções imperialistas no Afeganistão e no Iraque, bem como do recrudescimento da opressão do povo palestino pelo Estado de Israel. Dessa fase surgiram dois ensaios de fôlego, logo convertidos em livros editados em Londres: *The clash of fundamentalisms: crusades, jihads and modernity* (Verso, 2002); e *Bush in Babylon: recolonizing Iraq* (Verso, 2003)<sup>5</sup>. Já nessas obras, Ali demonstra possuir altíssima erudição na história política e cultural do mundo árabe. Sua leitura tem grande interesse não só pelas questões candentes da política internacional que aborda, mas também como acervo precioso de informações sobre a história, política, cultura e religião em toda a região conflagrada do Oriente Médio e Sul da Ásia.

<sup>4</sup> Os três romances foram traduzidos e encontram-se publicados no Brasil (Ed. Record).

<sup>5</sup> O primeiro deles já foi traduzido e publicado também pela editora Record, ainda em 2002: *Confronto de fundamentalismos: cruzadas, jihads e modernidade*.

Se em *Bush in Babylon* o foco evidente é a atual Guerra do Iraque e a política reacionária do clã Bush, em *Confronto de fundamentalismos*, o alvo preferencial do combate de Ali dirige-se para ideólogos mais destacados da globalização neoliberal, como o profeta do “fim da História”, Francis Fukuyama, e o teórico racista do “choque de civilizações” (expressão que inspira o título provocativo do livro), Samuel Huntington.

*Medo dos espelhos*, por sua especificidade temática e pelo caráter denso e problemático da narrativa, possui caráter visivelmente distinto de seus outros romances. Sabe-se, por exemplo, que contrastando com sua excelente recepção na Alemanha (que é sem dúvida o cenário privilegiado da história), teve aceitação menos entusiasmada em países como Inglaterra (mesmo em comparação com suas outras ficções e ensaios). Partindo de projeto político e literário talvez demasiado ambicioso, o livro resultou, entretanto, em obra original e corajosa. O protagonista-narrador Vldy consegue afinal seu intento, despontando, mesmo na derrota, a grandeza humana do gesto e da convicção: recontar, para Karl e para nós, com humor, melancolia e lucidez, a história das esperanças traídas do comunismo, revista pelo olhar de um personagem atravessado de contradições, mas que, até o fim, ao preço da solidão, se recusa a “adaptar-se”.